

SOBRE A INFLUÊNCIA DO PENSAMENTO ORIENTAL NA METAFÍSICA DA VONTADE DE ARTHUR SCHOPENHAUER – UM ESTUDO INTRODUTÓRIO

DANIELE DA SILVA FARIA¹

Resumo: Essa investigação pretende discorrer acerca da influência do pensamento oriental na filosofia de Arthur Schopenhauer, tendo em vista compreender as dificuldades envolvidas na argumentação schopenhaueriana acerca da relação entre as doutrinas do próprio filósofo e do pensamento oriental na obra intitulada *O mundo como vontade e como representação*. O filósofo Schopenhauer foi o primeiro pensador ocidental a fundamentar seu sistema filosófico numa síntese entre princípios orientais (filosofia vedanta) e ocidentais (a teoria das Idéias de Platão e a dicotomia kantiana fenômeno/coisa-em-si). Em primeiro lugar, fizemos um levantamento histórico para constatar qual fora o primeiro contato entre Schopenhauer e o oriente. Quem o teria introduzido nos textos orientais? Em seguida, fizemos um levantamento das questões acerca da natureza e da cognoscibilidade da Vontade e a respeito da aproximação de tais concepções às doutrinas orientais com as quais Schopenhauer teria entrado em contato, não de modo a esgotar o assunto, mas com o propósito de esclarecer os conceitos que servirão de base para minha pesquisa, da qual este artigo é parte integrante. Discursaremos acerca da influência do pensamento oriental no sistema filosófico de Schopenhauer expondo dois pontos de vista opostos: os de Bryan Magee e Moira Nicholls.

Palavras chave: Vontade; filosofia oriental; princípio de individuação.

¹ Graduanda em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).
E-mail: hibrisfatum@gmail.com

Evidências históricas do primeiro contato com o oriente

Segundo Mesquita, o marco inicial da relação entre Schopenhauer e o Oriente consta dos manuscritos póstumos² – durante um curso de psicologia ministrado em 1810-1811, seu primeiro professor de filosofia Gottlob Ernst Schulze (1761 – 1833) comentou sobre a prática de uma dieta vegetariana dos povos dos mares do sul que não era aconselhada devido ao clima da região e por isso os moradores eram extremamente debilitados. “Mas os hindus?”, é a questão que Schopenhauer escreve após a exposição do professor.

Essa pergunta não terá nenhuma relevância futura para o desenvolvimento de sua filosofia, tem importância apenas enquanto evidência histórica que demarca a primeira questão que o filósofo levanta sobre o oriente. Nada mais do que uma pergunta sem cunho filosófico.

Em 1811, Schopenhauer participa de um curso etnográfico sobre a Índia na Universidade de Göttingen, lecionado pelo professor Arnold Heeren (1760-1842). O curso tinha como objetivo analisar informações não propriamente filosóficas, mas históricas, geográficas e comerciais do Oriente. Foi neste momento que o professor Heeren, orientalista que conhecia esses periódicos, mencionou os *Asiatic Researches*³ para Schopenhauer.

Seu acesso a esse periódico não foi imediato. Na verdade, até 1813 – ano de defesa de sua tese – a fonte de conhecimento oriental do filósofo era esse curso. Mesquita faz um levantamento dos empréstimos feitos por Schopenhauer na biblioteca de Weimar, em 1813, no mesmo ano em que o

² MR, vol 2, p. 15; Apud MESQUITA, Fábio Luiz de Almeida. *Schopenhauer e o Oriente*. São Paulo: FFLCH/USP, 2007. pg. 21.

³ Em 1784, quando é criada a Sociedade Asiática em Calcutá (*Asiatic Society in Calcuta*), pelo inglês Sir William Jones que possuía interesse por certos aspectos da cultura oriental, foram publicadas diversas análises produzidas a partir de pesquisas sobre o pensamento oriental, chamadas de Pesquisas Asiáticas (*Asiatic Researches*). Essa sociedade existe até hoje e pode ser encontrada na internet, através da página: <http://www.asiaticsocietycal.com>.

filósofo, tendo defendido sua tese de doutorado, volta para a casa de sua mãe, Johana Schopenhauer, em Weimar e conhece Goethe e o orientalista Friedrich Majer.

Através desse levantamento, descobrimos que Schopenhauer teve acesso, ainda na fase de elaboração de sua filosofia, aos dois volumes dos *Asiatisches Magazin* que emprestou da biblioteca de Weimar em 04/12/1813. Em 1814, Schopenhauer entrou em contato com uma tradução, em latim, de dois volumes dos *Oupnek'hat*⁴ realizada por Abraham Hyancithe Anquetil-Duperron, em 1801-02, traduzidos a partir de uma versão do persa, do sultão Mohammed Dara Shikoh, de 1656.

Dessa forma, sempre que analisarmos os conceitos orientais, tal como Schopenhauer os interpreta, não podemos perder de vista que as noções podem ter sido revestidas de significados outros que não aqueles fundamentados nas teorias orientais da Índia.

O pensamento oriental e sua influência sobre os pressupostos schopenhaurianos

Durante a primeira parte do século XIX, na Europa romântica, surgiu um grande interesse pela Índia, sobretudo na Alemanha e depois na França, um grande número de pensadores se dedicavam aos estudos orientais. Junto de filósofos como Schelling, Schlegel, Fichte, Hegel e Heidegger, Schopenhauer acompanhava o período de uma renascença oriental, marcada pela idealização positiva de um oriente fantástico e desconhecido, o qual, na medida em que adentrava em solo europeu, promovia transformações basilares nessa cultura⁵.

No pensamento schopenhaueriano, quando se ouvem os ecos de Kant, Platão e filosofia vedanta, não se levanta dúvida sobre a influência dos

⁴ São traduções em latim de 50 das 108 Upanixade.

⁵ Cito uma frase de Schelling que sintetiza perfeitamente essa idéia: “Estimo que a restauração da união oriental-ocidental é o grande problema à solução do qual o

primeiros, pois o próprio Schopenhauer a admitiu desde seus primeiros escritos filosóficos. Afirmar que o mesmo acontece com a filosofia vedanta, que o pensamento do filósofo tenha sido influenciado por essa filosofia, e que seja possível relacionar conceitos desenvolvidos por ambas as teorias, suscita muita controvérsia. Significa assumir um ponto de vista muito discutido pelos pensadores que se dedicam à leitura dos textos do filósofo, pois ele próprio, em declarações antigas, afirmava que se sentia muito lisonjeado por encontrar pressupostos similares aos seus em sistemas filosóficos tão antigos quanto os orientais, mas que em nada influenciou na gênese de seu pensamento⁶.

No entanto, a filosofia oriental, sobretudo as correntes hindus e budistas são de importância inquestionável para o pensamento schopenhaueriano. Friedrich Majer foi o responsável por introduzir Schopenhauer na antiguidade indiana, segundo o próprio filósofo diz numa carta de 1851: “Em 1813, [conheci Goethe em Weimar e] o orientalista Friedrich Majer que me introduziu, sem solicitação, na antiguidade indiana, e esta teve uma essencial influência sobre mim”⁷. Essa afirmação de Schopenhauer encerraria por si só a discussão acerca da influência da antiguidade indiana em seu pensamento.

Há comentadores que preferem a posição de que o pensamento schopenhaueriano jamais teria sido influenciado pelo pensamento budista, mas haveria apenas uma *admirável concordância* (*Übereinstimmung wundervoll*) entre seu pensamento e essa religião, como o filósofo escreve,

espírito do mundo está em vias de trabalhar”. “J’estime que la restauration de l’union orientalo- occidentale est le plus grand problème à la solution duquel l’Esprit du monde est en train de travailler”. Apud DROIT, Roger-Pol (Org.). *PRÉSENCES DE SCHOPENHAUER*. Paris: Bernard Grasset, mimeo, s/data, p. 205.

⁶ “Seria um prazer para mim ver minha doutrina em tão conformidade com uma religião que a maioria dos homens da terra sustentam... E essa concordância deve ser mais agradável para mim, ainda que em minha filosofia, eu certamente não tenha estado sob sua influência” Cf. JANAWAY. *Op. cit.*, p. 180.

⁷ HÜBSCHER (Ed.) *GESAMMELTE BRIEFE*, carta 251, 1987, p. 261; apud MESQUITA. *Op. cit.*, p. 33.

segundo Roger-Pol Droit, numa carta à Adam Von Doss (de 27 de fevereiro de 1856)⁸.

Bryan Magee é um desses comentadores que acredita num sistema original de Schopenhauer estranho à qualquer influência do pensamento oriental como um todo⁹. Magee quer dizer que Schopenhauer, bem como Kant, estruturou sua filosofia por vias analíticas de conhecimento, uma vez que Schopenhauer está enraizado numa tradição racionalista. Entretanto, ele só ignorou, nesse ponto, que a religião budista se estruturou sobre uma concepção científico-filosófica de cosmos. A própria história do budismo mostra que ele só despontou como religião depois de muitos anos de desenvolvimento de uma filosofia próspera, do ponto de vista intelectual, que havia, inclusive superado a idéia de Deus.

Quando o filósofo diz ter intuído a essência do universo, ele não quis dizer que passou por uma experiência mística e ultrapassou o véu de Maia hindu, ou alcançou o nirvana budista, mas através da própria inteligência, ele intuiu o Nada que consiste a realidade¹⁰.

Embora sua fonte de conhecimento não tenha sido a mística, Schopenhauer afirma num escrito de 1849¹¹ que já aos seus 27 anos (1814) todos os pressupostos de seu sistema já estavam estabelecidos. Considerando-se que foi em 1813 que ele entrou em contato com as idéias

⁸ Cf. DROIT. *Op. Cit.*, p. 221.

⁹ “A idéia de que o pensamento oriental influenciaria de um modo decisivo a conformação da filosofia de Schopenhauer não é só um erro, passa por alto do fato fundamental de que, na obra de Kant e Schopenhauer, a corrente principal da filosofia ocidental chegou a conclusões acerca da natureza da realidade surpreendentemente similares a algumas das propugnadas pelas religiões ou filosofia mais bem místicas do oriente, mas por um caminho inteiramente diferente.” MAGEE, Bryan. *SCHOPENHAUER*. Colección Teorema. Tradução minha do espanhol. p. 341.

¹⁰ “Toda INTUIÇÃO não é somente sensual, mas também intelectual, ou seja, puro CONHECIMENTO PELO ENTENDIMENTO DA CAUSA A PARTIR DO EFEITO”. SCHOPENHAUER, 2005, p. 55.

¹¹ Cf. JANAWAY. *Op. cit*, p. 181.

hindus, esses ideais já estariam, portanto, presentes na gênese do pensamento do filósofo.

Outros comentadores articulam no sentido de provar a influência de algumas escolas de doutrina vedanta sobre o sistema filosófico de Schopenhauer, como é o caso de Moira Nicholls. Segundo Nicholls em seu artigo intitulado *The Influences of Eastern Thought on Schopenhauer's Doctrine of the Thing-in-Itself*, Schopenhauer, após defender sua tese de doutorado (*Sobre a Quadrúplice Raiz do Princípio de Razão Suficiente*) teria conhecido o pensamento oriental em 1813, através do orientalista Friedrich Majer, em Weimar. Essa hipótese é sustentada pelo fato de que em sua tese de doutorado, o filósofo não faz qualquer alusão à filosofia oriental, além do que, na primeira parte do século XIX não havia muita literatura oriental na Europa.

De qualquer forma, por volta de 1813-1814 Schopenhauer teria investigado, sobretudo, o pensamento hindu (só teria se aprofundado no pensamento budista a partir de 1818). No primeiro volume de *O Mundo* havia oito referências ao pensamento budista (dentre as quais cinco foram adicionadas em versões tardias daquele volume – 1844 e 1859) e cinquenta ao pensamento hindu (das quais sete foram adicionadas depois). Já no segundo volume (publicado em 1844) haveria ao menos trinta referências ao budismo e quarenta e cinco ao hinduísmo. Isso demonstra o crescente interesse pelas doutrinas budistas a partir de 1818 e o consistente conhecimento do pensamento hindu a partir de 1813 até sua morte em 1860¹².

Nicholls defende que o pensamento schopenhaueriano sofreu uma mudança fundamental e demonstra que teria havido três notáveis alterações no pensamento de Schopenhauer a partir de 1818 (quando ele escreve sua obra capital *O Mundo como Vontade e como Representação*): “A primeira diz respeito ao que ele afirma sobre a cognoscibilidade da coisa-em-si, a

¹² “Nos últimos quarenta anos a literatura indiana cresceu tanto na Europa que se eu agora quisesse completar essa nota para a primeira edição, ocuparia várias páginas”. SCHOPENHAUER, *Op. Cit.* 2005, p. 492.

segunda diz respeito ao que ele afirma sobre a natureza da coisa-em-si, e a terceira diz respeito a sua tentativa explícita de assimilar suas próprias doutrinas do que pode ser dito sobre a coisa-em-si com doutrinas orientais¹³. O filósofo afirmara que podemos ter conhecimento da Vontade, ou vontade de viver, através da intuição direta na autoconsciência, pois temos todos a Vontade manifestada em nós mesmos. Entretanto, posteriormente, ele vai afirmar que na verdade no autoconhecimento, tudo o que podemos intuir são apenas fenômenos da vontade e não ela em si mesma¹⁴. Essa passagem demonstra a influência do pensamento kantiano a respeito da coisa-em-si sobre Schopenhauer, ao mesmo tempo em que demonstra o seu distanciamento, na medida em que afirma que a vontade pode ser conhecida em partes.

A respeito da natureza da Vontade, Schopenhauer afirmara que enquanto em-si ela seria una e se caracterizaria como vontade de viver, entretanto, mais tarde, ele vai afirmar que a Vontade possui múltiplos aspectos – demonstrando o início da influência oriental em seu pensamento – um deles é a vontade, num sentido metafórico, os outros aspectos são objetos de conhecimento para místicos, santos, ascetas, enfim, para todos aqueles que negaram a vontade. A respeito da negação da vontade, na primeira edição de *O Mundo*, Schopenhauer tenta deixar evidente a diferença entre seu sistema e o pensamento oriental: “*E isso é preferível a escapar-lhe, como o fazem os indianos através de mitos e palavras vazias de sentido, como reabsorção em BRAHMA ou o NIRVANA dos budistas. Antes reconhecemos para todos aqueles que estão ainda cheios de Vontade, o que resta após a completa supressão da Vontade é, de fato, o nada. Mas, inversamente, para aqueles nos quais a Vontade virou e se negou, este nosso mundo tão real com todos os seus sóis e vias lácteas é – Nada*”¹⁵.

¹³ Tradução minha do original em inglês. JANAWAY, Christopher (Org.). *THE CAMBRIDGE COMPANION TO SCHOPENHAUER*. Cambridge: University Press. p. 171.

¹⁴ “ninguém pode reconhecer a vontade-em-si através do véu das formas da percepção, por outro lado, todos a carregam dentro de si, na verdade, ele próprio é a vontade, assim, na autoconsciência ela deve ser de alguma forma acessível a ele, embora ainda apenas condicionalmente” Schopenhauer, apud JANAWAY, C. Op. Cit., pg 173.

¹⁵ SCHOPENHAUER. *O mundo como vontade e representação*, p. 519. Esse trecho serve para corroborar o sentimento de sistema original de Schopenhauer, que não afirma as influências orientais de modo algum em seu pensamento.

Já no segundo volume do *Mundo* (publicada em 1844) o filósofo demonstrou que sua concepção do Nirvana budista mudara e traça paralelos entre sua doutrina de negação da vontade e a noção de nirvana, que por falta de espaço não será abordado nesse artigo.

Encerro minha redação com uma citação de Schopenhauer que mais uma vez encerra a discussão sobre a influência do pensamento oriental em sua filosofia: “A sabedoria indiana avança sobre a Europa e produzirá uma *mudança fundamental* em nosso saber e pensamento”¹⁶. [grifo meu]

Bibliografia

- DROIT, Roger-Pol (Org.). *PRÉSENCES DE SCHOPENHAUER*. Paris: Bernard Grasset, mimeo, s/data.
- JANAWAY, Christopher (Org.). *THE CAMBRIDGE COMPANION TO SCHOPENHAUER*. Cambridge: University Press.
- MAGEE, Bryan. *THE PHILOSOPHY OF SCHOPENHAUER*. Nova Iorque: Clarendon Press/Oxford University Press, 1983.
- MESQUITA, Fábio Luiz de Almeida. *Schopenhauer e o Oriente*. São Paulo: FFLCH/USP, 2007. (dissertação)
- SCHOPENHAUER, Arthur. *Metafísica do Belo*. Trad. de Jair Lopes Barbosa. São Paulo: Editora Unesp, 2003.
- _____. *O Mundo Como Vontade e Representação*. Trad. de Jair Lopes Barbosa. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

¹⁶ *Idem, ibidem*, p. 455.